



PARADIGMA PARA A DEFESA DA DESCRENÇA: CRÍTICA DE FRIEDRICH NIETZSCHE À RELIGIÃO CRISTÃ¹

(Paradigm for the Defense of Disbelief: Criticism of Friedrich Nietzsche to Religion Christian)

Rogério Santos dos Prazeres*

Acadêmico de Letras, UCDB

E-mail: pleinementperdu@yahoo.fr

Leandro Elias Marques Vieira**

Graduado em filosofia, UCDB

Me. José Moacir de Aquino***

Mestre em Filosofia, UFMG

RESUMO

O texto apresenta o pensamento de Friedrich Nietzsche sobre os fundamentos da religião cristã. Trata-se de uma abordagem em que se traz à tona críticas, entendidas como posicionamento filosófico do autor de *O Anticristo*. Considerando-se que a fé e a verdade são temáticas que estão indissociáveis na Crítica de Nietzsche à religião cristã, buscou-se denotar a importância destes assuntos atrelados à convicção religiosa no cristianismo. Isso porque, em conformidade com a perspectiva de Nietzsche, é um posicionamento que desafiou a cosmovisão de seu tempo, e perdura ainda até hoje. Isto é, a respeito da conjuntura religiosa do contexto social e religioso do século XIX, mas que hodierno instiga apreciação investigativa.

Palavras-chave: Filosofia. Nietzsche. Anticristo. Religião Cristã.

ABSTRACT

The text presents the thought of Friedrich Nietzsche on the foundations of the Christian religion. It is an approach that brings out critics, understood as philosophical position of the author of *The Antichrist*. Considering that faith and truth are themes that are inextricably linked in Nietzsche's Critique of the Christian religion, we sought to denote the importance of these issues tied to religious belief in Christianity. This is because, in accordance with the perspective of Nietzsche, is a position that challenged the worldview of his time, and still continues today. This is about the religious situation of the social and religious context of the nineteenth century, but that excites today's investigative assessment.

Keywords: Philosophy. Nietzsche. Antichrist. Christian Religion.

INTRODUÇÃO

Entende-se Nietzsche como o filósofo defensor da vida, do viver intensamente, o filósofo que desafia o homem à vivência da natureza em sua plenitude. Compreende-se que toda a obra nietzschiana esmera demonstrar como o ser humano deve desafiar-se a viver a vida, desapegado de crenças. Em Nietzsche, a tarefa de fundamentação de uma crítica se defronta com a desconstrução e relativização culturais, que implicam uma não assumência da natureza humana; e é por isso que o cristianismo é rechaçado por ele, sendo possível de ser combatido somente a partir do super homem nietzschiano. Em sua



crítica, os valores do niilismo estão acima de crenças e subterfúgios para se ignorar a realidade.

Em face disso, a moral cristã, ou moral de rebanho, cega o homem, favorecendo o domínio e fragilização da natureza humana. As expressões culturais e a percepção do belo estão postas de lado, e isso, para Nietzsche, o filósofo anunciador da morte de Deus, é inconcebível. A crítica de Nietzsche é uma argumentação do homem dionisíaco contra a ilusão apolínea; esta, com Sócrates, tornou-se o elemento fundamental que possibilitou a crença cristã.

Este texto trata da crítica de Nietzsche concernente à expressão da fé cristã na conjuntura do século XIX. Com a crítica, Nietzsche pretende desmascarar o cristianismo, uma das causas fundamentais da degeneração da civilização humana, e assim dar base para criar uma ruptura da crença, na estrutura religiosa da sociedade.

As concepções de moralidade, crença, verdade e fé são conceitos que possibilitam compreender o pensamento do filósofo. O presente texto tem como referência principal a obra *O Anticristo* (publicado inicialmente em 1895), que nesta perspectiva é marco para se delimitar o pensamento nietzschiano a respeito da religião cristã. Para que seja possível entender o papel do cristianismo (principalmente da moral cristã), nos processos de degeneração do homem, conforme Nietzsche é preciso entender como se deu a criação do movimento cristão, isto é, de onde vieram os componentes de sua origem. Para tanto, primeiramente tratar-se-á de caracterizar-se, preliminarmente, a substituição da natureza humana pela concepção de fé; em seguida, apresentar o surgimento do cristianismo desde uma falsificação; e, por fim, a manutenção do cristianismo primado na fé.

1. A FÉ E ESPERANÇA COMO TRIUNFOS DA RELIGIÃO

O desprezo pelas obrigações morais e judiciárias, em específico, existentes na ética da religião cristã,² impregnada de convenções, imposições, e abstrações fantasiosas da intelectualidade humana, prejudica a vida concreta. É nesse sentido que esse desprezo pela religião cristã perpassa toda a obra nietzschiana.³ A respeito disso, a crítica nietzschiana implica aos homens o rompimento com tudo o que era, em sua época, defendido como verdadeiro. Pois as verdades submetem aos homens um condicionamento sob o jugo da moral que, por sua vez, é artificial e nocivo⁴ ao desenvolvimento das potencialidades humanas.

É na abordagem do aspecto fantasioso do cristianismo,⁵ empreendida pelo filósofo alemão, no que se aplica a compreensão de que o ser humano jamais pode chegar à verdade, além de não se necessitar dela.⁶ Para Nietzsche, é preciso romper com as verdades tradicionais,⁷ porque tais verdades fazem parte das bases da degeneração do homem. Bases estas que têm o cristianismo como um de seus elementos. As ditas verdades, para Nietzsche, guiam convencionalmente a humanidade. Elas são, de modo geral, criadas pelo pensamento sistemático filosófico ocidental, reforçadas pelo cristianismo e pela ciência positiva ou positivista.



Isso significa que, de acordo com a filosofia nietzschiana, o homem não está transformado *in ato*, e seus comportamentos não condizem com as potencialidades que lhe cabem, ou seja, o homem não vivencia propriamente o estado natural, está degenerado, corrompido. Para livrar-se deste estado, é necessário então que o homem se alie ao estado da natureza, assumindo da vida o que ela lhe propõe sem idealizar⁸ fantasias.

Deste modo, expõe-se imprescindível que, na filosofia de Nietzsche, esteja o homem desvencilhado das abstrações metafísicas que o impedem de atuar com todas as potencialidades que lhe são inerentes. E, para isso, é necessário recusar a corrupção que se instala por meio da religião cristã.

A corrupção pela via do cristianismo, conforme Nietzsche, é resultado de um suporte socrático à falsificação do ser humano. Esta corrupção, ou falsificação, deu-se no alvorecer do pensamento sistemático filosófico ocidental, isto é, com Sócrates e todos os cristãos que deram desenvolvimento⁹ e difusão à forma do pensar e agir cristãos. Antes da influência socrática, considera Nietzsche, o homem vivia de modo simples, ou seja, abraçava a sua vida sem precisar adentrar em esferas de pensamento e sentimentos que necessitassem de idealizações. Quanto às idealizações, ele chegou a conceber que seria melhor, para o bem da espécie, a estupidez¹⁰ que as bases do raciocínio socrático.

A esta concepção da vida, desapegada do conhecimento socrático, para Nietzsche, dá-se o nome de amor *fati*, por aquilo que prima naturalmente pelo acontecimento do aprendizado. Consequentemente, valorizado por aqueles tornam as coisas belas,¹¹ sem esperar por promessas; mas, sobretudo, vivenciando-se o que é presente.¹² No cristianismo, para Nietzsche, não há nada de belo, há degeneração.

A esse respeito, o empreendimento nietzschiano classificou a situação anterior a Sócrates de estado dionisíaco, quando se cultuava a beleza do ser humano natural; e a posterior, de estado apolíneo da humanidade, em que se sobrepõe a ideia de belo, pelo domínio deísta (metafísico). É notável que para ele, por meio do pensamento socrático-platônico, o homem passou a adentrar nessas regiões densas do pensamento, distanciando-se do mundo real e enfraquecendo-se. O que o filósofo defende é que Sócrates fragilizou o horizonte de visão do ser humano, favorecendo a disseminação de ilusões.

Para Nietzsche, Sócrates fundamentou o subsídio desenvolvidor do cristianismo. O emblemático simbolismo helênico nos deuses Apolo e Dionísio aplica-se no entendimento do subsídio que ostenta a totalidade de elementos apolíneos, no cristianismo. Isso porque os elementos advindos do apolíneo expressam-se na intolerância dos aspectos da condição humana, em especial, na existência terrena e na arte. O apolíneo recusa continuamente os impulsos artísticos, preferindo-se o discurso sobre outro mundo. Prefere-se enxergar, no cristianismo, apenas os aspectos mais monstruosos da natureza humana, em detrimento das possibilidades dionisíacas, evitando-se refletir sobre a arte e a sabedoria do Sileno. Os cristãos são incapazes de se confrontarem com a verdadeira tragédia, e adota-se o consolo metafísico, declinam-se ao reconhecer que no fundo de todas as máscaras está o herói dionisíaco, o ser humano,



que no caso do cristianismo, refugia-se no mundo das aparências, indefeso, com medo da realidade, então aguarda-se ansiosamente a redenção apolínea.¹³

Com Sócrates, o criador das aspirações apolíneas de um outro mundo, assevera-se a perspectiva da consciência¹⁴ em estado de fantasiosa esperança; logo, erigiu-se o horizonte para as concepções ininteligíveis, abstratas. A propósito, com o platonismo, manifestação de precedência socrática, é que se propagou a forma particularmente religiosa de existência. Assim, pôde a religião triunfar em um ambiente de confiança na consciência,¹⁵ na condição de possibilidade de se chegar à *verdade*. Esta presunção gerou, segundo Nietzsche, a fé religiosa¹⁶ no Deus cristão.

A deidade filosoficamente idealizada é aproveitada no século XIX, conforme Hegel (1770-1831), o último a desenvolver um grande sistema filosófico oriundo da Tradição Clássica, criou-se a partir de Kant, o que ele mesmo chamou de Idealismo absoluto. Este idealismo é entendido como uma metafísica segundo a qual o real é a ideia, porém, não em sentido subjetivo, mas absoluto. Esse Deus, opondo-se aos vários tipos de idealismos subjetivos, segundo Georg Hegel, constitui-se em uma forma de monismo.¹⁷

Com a fé no domínio dos mecanismos inconscientes, por eles mesmos fundamentais para as nossas posturas, houve abandono da lógica, preferindo-se a fé, nas operações de abstração da mente; constituindo-se cegueiras que impedem de enxergar a mutabilidade e relatividade dos conceitos mentirosos de substância e imutabilidade. Com isso, a influência socrática, durante séculos, produziu erros que fundamentaram as ilusões propagadas pelo cristianismo.

Com o surgimento dos que se rebelaram e levantaram dúvidas a tais proposições, notou-se que a humanidade já estava acostumada com as verdades e ao Deus da religião cristã.¹⁸ Estas se tornaram condicionantes do pensar e agir humanos. Isto é, já era tarde demais para assimilar que a força do conhecimento, portanto, não reside na verdade, mas em sua antiguidade, em seu grau de assimilação, em seu caráter enquanto possibilidade de aplicabilidade às fundamentações práticas à vida.¹⁹

Daí que sapiência socrática é entendida por Nietzsche como produtora da vida degenerada *exnihilo*, bem como subversão da natureza comportamental humana, e, portanto, prejudicial ao comportamento humano. Com as *afirmações* do cristianismo, os cristãos, convencidos de exatidão, obrigaram outros a enganarem-se quanto ao estado natural. Obstinaram-se à impessoalidade e a uma duração (eternidade) sem mudança, assegurados pela ideia de essência, embasados naqueles que *conhecem*, os sábios. A partir da influência socrática negou-se então a força dos instintos no ato do conhecimento, em recusa a se conceber a razão como uma atividade perfeitamente livre, surgida dela mesma; isto é, recusaram-se a notar que foram convencidos, de forma que não tinham chegado a um *conhecimento* por eles próprios; mas sim, a princípios contraditórios, embora imbuídos de esperanças, no intuito de garantia de posse ou domínio.²⁰

Na filosofia nietzschiana, considera-se que o cristianismo substituiu o valor do instinto,²¹ pela importância de crer. Isso conjecturou que os interesses fossem determinados pelos líderes do cristianismo, e por fim, como reflexo, desembocaram em opiniões, influências, assimiladas como verdades pelos seguidores da religião cristã,



desejosos daquilo que é duvidoso, ademais, irreal. Para Nietzsche, ao contrário, a estrutura material subsidia o ideal: *mesmo nos seus tons mais sutis os juízos estéticos e morais fazem parte dos tons sutis do físico*,²² diferentemente das apelações sentimentalistas de um mundo pós vida, desprovido de provas. Acontece que, quando se deu o movimento de Sócrates, os homens saíram do estado do concreto da vida e dos instintos, repudiaram a própria humanidade, objetivando não mais dedicarem-se a analisar os próprios instintos, ou seja, saber se eram fortes ou fracos,²³ e entregaram-se ao fundamento das religiões, em fuga do mundo físico. No entendimento Nietzscheano de religião, aí está a contribuição de Sócrates: o aprisionamento na esperança e na fantasia.

A recusa ao estado natural significa, em Nietzsche, a aderência às convicções tradicionais e estáticas de fins. Essa recusa está circunscrita numa objeção ao que é necessário à sobrevivência da espécie, que por sua vez é uma herança da cultura grega. É importante notar que para Nietzsche o povo grego é composto de elementos muito diversos, e desprendido dos instintos grosseiros e da moralidade, tendendo em sua maioria, a desprezar os costumes. Nietzsche fundamenta que a cultura grega está dividida, havendo gregos superiores e inferiores: a primeira é marcada pela falha na tentativa de se fundar novas religiões, ou seja, os gregos superiores sabiam que a utilização da fé e da esperança em nada resolveriam seus problemas; a segunda, os gregos de cultura inferior, por exemplo, Pitágoras, Sócrates e Platão precipitaram-se na fundamentação de conteúdos religiosos à vida.

De forma geral, os gregos de cultura inferior embasaram concepções idealistas: para Nietzsche isto está configurado distintamente na confiança cega no intelecto e na consciência. Este mundo das ideias socrático-platônico legitimou os movimentos religiosos no Ocidente. Isso garantiu que o cristianismo se desenvolvesse, induzindo a massa humana a crer, em expectativa de um mundo que fosse transcendental à vida, conjecturado no plano espiritual: em uma fuga da experiência terrena.²⁴

2. DO JUDAÍSMO AO CRISTIANISMO: A FALSIFICAÇÃO COMO ELEMENTO DA MORAL CRISTÃ

A disseminação das ideias socráticas, pelo platonismo, possibilitou o cristianismo. Importa considerar que o cristianismo só foi possível porque esta religião se desenvolveu no seio da civilização judaica,²⁵ sob o domínio do Império Romano. Segundo Nietzsche, os judeus alimentavam um ódio a tudo o que o Império em questão representava. Eles, os judeus, são entendidos por Nietzsche como uma nação de ressentidos²⁶ que nutriram em si uma falsificação histórica,²⁷ uma falsificação da humanidade do ser, e que foi herdado pelo cristianismo:

O cristianismo não é uma reação contra os instintos judaicos; é sua consequência inevitável; é simplesmente mais um passo dentro da intimidante lógica dos judeus. [...] e que o tipo psicológico do Galileu ainda que reconhecível, mas apenas em sua forma mais degenerada, pôde servir da maneira em que foi utilizado: como tipo de Salvador da humanidade.²⁸



Nos reveses históricos vivenciados pelo povo judeu, a tentativa de miscigenação se deu em várias ocasiões. No entanto, os mesmos mostraram-se resistentes a miscigenação, de modo que isso propiciou manter sua “pureza racial”, bem como afirmar hegemonia. Na perspectiva do pensamento nietzschiano, isso denota a falsificação da natureza, de toda a naturalidade, e repúdio à realidade. Sobretudo, isso é, em Nietzsche, exprimível a partir da manifestação da fé. Para o pensamento nietzschiano não há originalidade no rancor à vida, ao real, inicialmente na religião cristã: há apenas aprimoramento da herança,²⁹ entendendo-se como prisma a concepção de “povo eleito”. E isto, em função de se auto determinarem o gênio moral entre os povos.³⁰

Precisamente por esse motivo, os judeus são o povo mais funesto de toda a história universal: sua influência causou tal falsificação na racionalidade da humanidade que hoje um cristão pode sentir-se antissemita sem se dar conta de que ele próprio não é senão a última consequência do judaísmo.³¹

A concepção de pecado³² foi reformado integralmente, e nas palavras de Nietzsche, *como é atualmente sentido por todos, nos lugares onde o cristianismo reina, ou já tenha reinado, é uma invenção judaica, proveniente de um sentimento judaico. Assim, considerando-se o pano de fundo de toda a moralidade cristã,*³³ depreendeu-se uma uniformização generalizada que nutriu os valores cristãos, e que se configura premente na tentativa de se ‘judaizar’ o mundo³⁴ com um molde cristão que ressalta o medo aos fiéis seguidores, a inteligibilidade da *explicação da religião a partir do medo é confirmada, sobretudo pela experiência, uma vez que todos ou a maioria dos povos rudes fazem objeto de religião só, ou principalmente, os fenômenos aterrorizantes da natureza,*³⁵ uma vez que *Deus só perdoa perante o arrependimento.*³⁶ No imaginário do Deus dos cristãos *pressupõe-se um Deus poderoso, e todo-poderoso; mas que, no entanto, tem prazer na vingança: ironicamente, o poder deste Deus é tão grande que nada lhe pode causar qualquer prejuízo no que se refere à sua honra*³⁷ divina.

Verifica-se que, para Nietzsche, o resultado de qualquer ofensa,³⁸ entendida como comportamento avesso devido à natureza propriamente humana, constitui atentado ao *prelado divino*, o que implica ao seguidor da religião, imputado pelos líderes,³⁹ grave falta⁴⁰ contra Deus e não contra a humanidade. Neste caso, pressupõe-se que Deus, em Nietzsche, atenta conta o humano, e os seguidores tementes a Deus, o preferirão, deixando de lado os iguais (o ser humano).⁴¹

Toda e qualquer ação deve ser sempre considerada do ponto de vista das suas consequências sobrenaturais, nunca das naturais: assim o quer o sentimento judeu, para o qual tudo o que é natural, é coisa indigna de si própria.⁴²

Na concepção de história do judaísmo, por Nietzsche, antes da submissão aos assírios, os judeus tinham um Deus forte: bom soldado e severo juiz. Com a dominação exercida pelo povo romano, a divindade cultuada pelo povo judeu perdeu crédito, falsearam-no e toda a história de seu povo. Ao se falsificar os aspectos históricos, modelou-se um homem aleivoso; eis aí um ato de insubordinação contra a religião do povo judeu. O sacerdote judeu, que é um dos inimigos dos que tem instinto forte, possui o instinto fraco, mas apresentam-se como fortes e sábios. O que se entende é que eles estão



desejosos de poder. Estes sacerdotes foram os responsáveis por sustentar a origem e assistência ao sistema de proliferação do cristianismo.

Pode-se concluir da premissa, em Nietzsche, que o *Reino de Deus* é a vontade dos sacerdotes,⁴³ e somente desejo deles, e que por isso tornaram-se parte fundamental para a legitimação do cristianismo. Os seguidores da religião cristã, não sabendo que *o conhecimento de Deus é o conhecimento de si do homem*, assumem que contrariar a moral cristã é o mesmo que pecar. Aí está, conforme Ludwig Feuerbach (1804-1872), a inversão antropológica que respalda o homem na produção de crenças religiosas.

Tecida a antropologia do cristianismo, Nietzsche sistematiza o *modus operandis* sacerdotal judeu, que dava-se do seguinte modo: os sacerdotes nominaram Deus a própria vontade. Da falsificação criou-se o fim da exploração sacerdote judeu, pois o cristianismo negou o povo eleito (salvar-se-iam os judeus que cressem); negaram-se as promessas de prosperidade do além-judaico, visto que o cristianismo busca a proteção dos pobres na guarida do *Reino de Deus*. Disso resultou uma oitavada na falsificação concebida pelos corruptores do judaísmo contra a classe sacerdotal, ocorrendo um cisma, a derrogada dos obcecados pela nova crença. Aqueles conceitos e repúdios que os judeus tinham em relação aos outros povos, os cristãos passaram a ter com relação aos judeus não cristianizados.

Nesse interim, o crucificado⁴⁴ surge da contrariedade e desconfiança da ganância dos sacerdotes da religião judia, que pretendem a purificação dos judeus e, conseqüentemente, aderência. A radicalidade do cristianismo primário foi de encontro à ordem vigente.⁴⁵ O cristianismo exortou os mais pobres e os insatisfeitos de Israel a se rebelarem contra o poder dos sacerdotes, a elite. Para Nietzsche, ainda que corrompida, a Ordem judaica era mais condizente com seu pensamento do que a purificação supostamente proposta por Jesus.

Esse santo anarquista incitou o povo mais baixo, os réprobos e 'pecadores', os mais fracos do judaísmo a emergirem em revolta contra a ordem estabelecida das coisas, e com uma linguagem que, se os Evangelhos merecem crédito, hoje o conduziria à Sibéria. Esse homem certamente era um criminoso político, ao menos tanto quanto era possível o ser em uma comunidade tão absurdamente apolítica. Foi isso que o levou à cruz.⁴⁶

Concebe-se que, em *O Anticristo*, o judaísmo falseou a natureza, Jesus falseou o judaísmo e o cristianismo falseou Jesus.⁴⁷ O que faz do cristianismo, dentre todas as religiões, a pior delas.⁴⁸ Com a particularidade de falsificação que o Nazareno surge favorável aos dissidentes e, ou, ressentidos da religião judaica.⁴⁹

Na compaixão, apregoada pelo Cristo, encontra-se um dos maiores perigos, pois isso torna o homem cúmplice do fracasso.⁵⁰ Isso consiste em não aceitar a vida com a naturalidade que lhe é própria. Isso também demonstra o quanto o indivíduo é infeliz perante a vida. Componente da realização da vida está a condição de não envergonhar-se ou ressentir de nada que na vida consiste.⁵¹ Isto é, não negar ao ser humano (existente) a naturalidade da vida.



A crítica de Nietzsche está centrada na corrupção e decadência dos homens conseguida pelo cristianismo, sobremaneira ao desapego dos valores da antiguidade, ou seja, valores antes de Sócrates, em que os valores demasiadamente humanos⁵² eram o sustentáculo da sapiência cultural em torno do humano. Nas palavras de Nietzsche, com o desdobramento do cristianismo, *todos os valores nos quais a humanidade se apoia, seus anseios mais sublimes, são valores de decadência.*⁵³ Compreende-se que, no pensamento nietzschiano, há que se repelir, constantemente para longe de si, aquilo que deseja morrer,⁵⁴ ou mesmo, crer num além-vida.

3. VERDADE E FÉ: MANUTENÇÃO DO CRISTIANISMO

O caso do Império Romano é emblemático para se entender a questão da decadência que se espalha por meio do cristianismo. Este império estava apenas no começo, sua construção estava calculada para provar seu valor por milhares de anos, pois representava todo o fruto do árduo trabalho do mundo antigo. A cristandade envenenou-o, tornou-o fraco, quando se enraizou nele. Neste, a força epicurista foi esmagada e substituída pela fé, impedindo a humanidade de atingir um desenvolvimento mais humano e consequente.

A fé, como imperativo, veta a ciência⁵⁵ na prática, o que impede os cristãos de enxergarem a diferença entre o comportamento do crucificado e do rebanho que pertencem. Prova disso é que a vitória da cristandade se deu quando as enfermas e podres classes de todo o Império Romano⁵⁶ foi cristianizado. Para Nietzsche, os fracos conseguiram embutir no pensamento coletivo do Império a ideia de que a forma como o potente raciocina, e age, está equivocada, já que o Império não se compadece dos debilitados, e que se vive pelo conseguido à força, não só física, mas da vontade; e ainda, vive-se sob o desejo de superação.

É patente que Nietzsche refuta a resistência cristã à natureza humana que prefere os desígnios de Deus, uma vez que a convicção é defendida por eles antes dos conhecimentos tradicionais: o que se configura escravidão da vontade humana pela cegueira da fé na bíblia e nos guias da coletividade obnubilada. Prevalece que o pseudoconhecimento cristão está tendenciosamente elaborado para dar suporte aos interesses de seus líderes.⁵⁷ Quem vive preso a uma leitura unilateral, pouco pode conhecer; e como já foi dito, vetando a cultura o cristianismo nos fez perder todos os frutos da civilização antiga.

Para o homem de convicção a fé representa sua espinha dorsal. Deixar de ver muitas coisas, não possuir imparcialidade alguma, ser sempre de um partido, estimar todos os valores com uma ótica severa e infalível, essas são as condições necessárias à existência desse tipo de homem. Mas isso faz deles antagonistas.⁵⁸

Aos responsáveis pela manutenção do cristianismo Nietzsche denota a autenticidade da culpabilidade pertencente aos teólogos (padres, pastores, os líderes religiosos) e todos os idealistas, inclusive alemães, e, diga-se de passagem, a filosofia filha do protestantismo alemão; pois sustentam a ilusão de vida após a experiência terrestre.



Estes se encarregaram de induzir os homens com abstrações puras, destituídas valor (Deus, pecado, salvação, ideal, demônio etc.).

A partir da difusão de um moralismo impregnado de devaneio, *os líderes* inverteram os conceitos de verdadeiro e falso. No cristianismo, tudo que é mais prejudicial à vida é nomeado *verdadeiro*, tudo que a exalta, intensifica, afirma, justifica e a torna triunfante é nomeado *falso*. Com a difusão da fé, eles conduzem as pessoas enganadas, acomodadas e inconscientes, inibindo, por fim, qualquer tentativa de se aceitar outras perspectivas de valor, aprisionando o homem, destruindo-o, de forma que não se tenha necessidade interna, extirpando o profundo desejo pessoal, sem prazer forte, condenando-se o indivíduo ao autômato do dever.⁵⁹ E no caso de subversão, o infiel está relegado ao inferno.

Acontece que o judaísmo e o cristianismo possuem um elemento axiomático (aceito sem discussão) em comum, e que Nietzsche chamou de concepção de Deus.⁶⁰ Para ele, Deus é uma criação humana. A fim de entender e criticar estas religiões, o filósofo dedica uma parte de sua obra para analisar a concepção de Deus. Em suma, Nietzsche explica que cada povo possui um Deus que lhe é próprio, ou seja, um Deus a quem se atribui a existência, sobretudo, respaldados pela convicção e fé, são honradas *as condições que os possibilitam sobreviver, em suas virtudes. O povo projeta o prazer que possui em si mesmo, seu sentimento de poder, em um ser ao qual pode agradecer por isso [...] A religião, dentro desses limites, é uma forma de gratidão*⁶¹ especial.

Sem dúvida, quando em declínio, uma nação perece quando sente que a crença em seu próprio futuro, sua esperança de liberdade, estão se esvaindo, quando começa a enxergar a submissão como primeira necessidade. Como medida de autopreservação, então precisa também modificar seu Deus. Ele então se torna hipócrita, tímido e recatado; aconselha a ‘paz na alma’, a ausência de ódio, a indulgência, o ‘amor’ aos amigos e aos inimigos. Torna-se um moralizador por excelência; infiltra-se em toda virtude privada; transforma-se no Deus de todos os homens; torna-se um cidadão privado, um cosmopolita. Noutros tempos representava um povo, a força de um povo, tudo que em suas almas havia de agressivo e sequioso de poder; agora é simplesmente o bom Deus.⁶²

Nietzsche questiona-se quanto a relação verdade – fé. Segundo ele, na religião cristã a crença é mais importante que a verdade, que os frutos da razão: não importa ser ou não pecador, é preciso apenas crer que seja. A realidade não dá suporte para a fé, para a mentira o além, sendo assim, é preciso desamparar a razão, a verdade, o conhecimento, para se concretizar e manter a ideia de Igreja, no niilismo⁶³ platônico.

No panorama da convicção cristã, adjunto à verdade e à crença, o amor compõe-se na estrutura da falácia da religião cristã. Nesta estrutura, *o amor é o estado em que os homens têm mais probabilidade de ver as coisas como elas não são*.⁶⁴ Na invenção de uma religião na qual se possa amar, *o pior que a vida tem a oferecer é superado*. Tais coisas sequer serão notadas. Tudo isso se alcança aprisionando-se nas três virtudes



crístãs: fé, esperança e caridade: Nietzsche as denomina de *as três habilidades crístãs*,⁶⁵ necessárias à disseminação⁶⁶ da religião do fraco.

Ser livre seria algo sem função biológica compreensível. Mas se dissermos que esta espécie tem a capacidade de perguntar por razões, esta é claramente uma vantagem dentro da evolução, pois implica num novo nível cognoscitivo que permitiu o desenvolvimento do pensamento instrumental em grande escala. Entende-se que a linguagem instrumental tem tido uma função biológica e, uma vez que surgiu, esta estrutura estendeu-se por toda a vida humana.⁶⁷

Com referência ao aporte da liberdade, Nietzsche parte do pressuposto de que *a realidade conduz a uma dialética*.⁶⁸ Todas as nossas articulações possuem a intenção primordial de dominar. Seja pela dor do outro, seja pelo amor⁶⁹ ou prazer dispensado ao outro, tais atitudes se revelam como artimanhas para influenciar o outro, ou mesmo, um grupo. Necessitamos de poder, e é esse jogo que movimenta a sociedade. O amor, que para o cristianismo é algo santo, algo puro; para o filósofo nada mais é que o ápice do ego se manifestando,⁷⁰ todavia, farsante, o cristianismo apregoa a renúncia dos bens e da humanidade, por amor a Deus.⁷¹

Na filosofia nietzschiana, o homem que renuncia quer ter poder sobre os outros, deseja estar acima de todos. O indivíduo crístão, como todo ser humano, busca afirmar-se. A questão é o fato de que o que se faz não são renúncias, são escolhas, por exemplo, o padre que renuncia ao sexo, às posturas mais naturais, como as paixões. Obstinado, este não se importa de abdicar de elementos a ele queridos, mas que o atrapalham em seu objetivo. O filósofo alemão expõe o fato do cristianismo enquanto igreja, instituição legal e formal, ter defendido a qualquer preço, por mais de dois mil anos, seus interesses, seus privilégios, vantagens, mesmo que isso transpareça exatamente o contrário do que o pregador do evangelho ensinava. *Seria em vão procurar por um melhor exemplo de ironia histórico mundial*.⁷² Sobre isso, notadamente quanto à dominação, santificaram, no conceito de 'igreja', justamente o que o 'portador da boa-nova' recusou.⁷³

Enfatiza Nietzsche que o crístão está apenas interessado em ser recompensado, desejoso do resultado prazeroso do ato; mas não por reverenciar o ato pelo ato, indistintamente. Na gênese da religião crístã não há Deus, apenas o ser humano, com todas as suas peculiaridades.⁷⁴ Decorre que há uma relação de interdependência (pedagógica) moral do crístão e seu Deus. Isso porque Deus ama, ou tem benevolência, para quem nele crê, isto é, um amor condicional⁷⁵. Essa relação se aplica à caridade. As pessoas ditas caridosas (isso inclui os crístãos) são aquelas que se encantam com uma pessoa. Segue, com essa relação de apropriação, imediatamente, o desejo de se apropriarem da pessoa assistida. A apropriação é súbita, depois vem a alegria da posse e, finalmente, a ação em favor do *objeto de desejo* possuído, e sua conseqüente sedução. Em suma, os caridosos agem em favor daqueles com quem se simpatizam, para sentirem-se bem com a alegria dos que prezam. Para Nietzsche, puro egoísmo.

No exame (do fenômeno literário) da morte de Jesus, bem como as conseqüências, aduz-se, em Nietzsche, uma inversão: Jesus – Cristianismo. Jesus não estava



praticamente situado na realidade, era uma pessoa pacata, não reagia, nem se expressava irritadiço. Era desta forma que seus discípulos deveriam agir. Não obstante, transformaram a execução de Jesus num espetáculo da violência humana que atenta contra os seguidores dele. Assim, estabeleceram o esbulho da morte do mestre, para agredir a sociedade, responsabilizando o ordenamento religioso que o refugou, o judaísmo; e os adversos à doutrina do pecado, uma vez ter Cristo morrido por eles. Isso significa que, para Nietzsche, o Deus dos cristãos, o Cristo, e a conjuntura do cristianismo constitui-se como a religião do ressentimento.⁷⁶

Ao contrário dos exemplos de Jesus, os cristãos se vingaram apregoando o Evangelho, e transformaram Jesus em teólogo, incutindo que só os veneradores têm direito à filiação divina.⁷⁷ Para Nietzsche, tudo pertence à imaginação dos posteriores.

Isso porque, na obra nietzschiana, o nazareno não ressuscitou e não salvou ninguém, nem era filho de Deus,⁷⁸ mas o que perturba o filósofo é o fato de que tudo isso não faz, nem de longe provado, no que condiz ao pacífico crucificado. A ideia de Messias foi usurpada, especialmente, por Paulo de Tarso. Tarso, o buscador de poder, o tipo oposto ao do *alegre mensageiro*. Para Nietzsche, Paulo é um antagonista que se aproveitou da morte na cruz *para fundar um movimento de pacifismo budístico, não por uma felicidade sobre a Terra, meramente prometida, mas idealizada no céu*⁷⁹ aos fracos⁸⁰, as almas que “alcançarão” a salvação. Com a salvação das almas, publica-se uma moral de cabresto, fascinando a humanidade com a bíblia e as verdades da fé cristã.

O cristianismo deve o seu triunfo precisamente a essa deplorável bajulação de vaidade pessoal, foi assim que seduziu para seu lado todos os malogrados, os insatisfeitos, os vencidos, todo o refugo e vômito da humanidade. A ‘salvação da alma’ é em outras palavras: ‘o mundo gira ao meu redor’.⁸¹

Segundo o filósofo, a religião cristã no seu desenvolvimento absorveu influências de muitas culturas, e os ideais do crucificado sofreu modificações. Com as modificações, objetivamente angariou, por meio de seus líderes, o domínio dos fracos e seus bens, aprendendo a exploração, dos fortes das sociedades, para arrebatar os fracos; e os fracos, por sua vez, reúnem-se, identificados com a sedução bíblica (da lei de Deus). É por esta razão que se conglomeram e procuram-se reciprocamente enganarem-se, em cultivo da vontade de verdade. Isso leva a Nietzsche a entender que o *cristianismo* é um mal-entendido, e que no fundo só existiu um cristão, e ele morreu na cruz. O *Evangelho* morreu na cruz. O que eclodiu depois da execução, daquele momento em diante, chamou-se de *Evangelho*, o que exatamente impõe-se como o oposto do que o crucificado viveu.⁸²

Nietzsche entende que a vontade de verdade decorre de uma vontade de engano. A vontade de engano seria a necessidade de se alçar um determinado valor à categoria de verdade para fazê-lo mais forte e mais poderoso a fim de que se possa acreditar nele. As passagens citadas de livros em língua estrangeira foram traduzidas pelo autor sobre o conceito de verdade em Nietzsche. Entretanto, como este valor foi criado historicamente, é um engano tê-lo por verdade. A verdade em que se acredita nada mais é do que a crença na veracidade de um engano.⁸³



Na Renascença, para Nietzsche, ocorreu uma recusa às verdades dos valores do cristianismo, uma tentativa com todos os meios, todos os instintos e todos os recursos do gênio em repúdio dos valores opostos à cristianização, valores mais nobres. Tudo isso graças a um fato: César Bórgia, o Papa. Com este evento o cristianismo teria sido abolido, mas não foi o que aconteceu. O que aconteceu, segundo Nietzsche, foi o salvamento da religião cristã por um sacerdote alemão: Lutero. Ele levantou uma rebelião contra a Renascença em Roma. A religião estava fraca, demonstrando visivelmente a podridão de seu interior, que era a Renascença, mas Lutero via apenas a corrupção do papado e restabeleceu a convicção no cristianismo na mais imunda, incurável e indestrutível espécie de cristianismo: o protestantismo.

Conforme Nietzsche, o papa César Bórgia teria dado esperanças à humanidade de retorno à libertação para os deleites da vida, mas então surgiu a rebelião Lutero, reformando a igreja e logrando a austeridade perdida. A reforma fez com que a Alemanha, lugar onde a igreja estava menos operante, tornasse o país mais cristão do mundo. Lutero conseguiu dar mais fôlego a uma igreja quase desfalecida. É desta forma que o cristianismo semeou na humanidade vícios e fraquezas. Seu nome foi moral cristã, a forma como se pensa e se age como cristão. Nela, seguem-se ideias mesmo que absurdas pelo medo do isolamento de Deus. É desta forma que fala em nós o instinto de rebanho.⁸⁴

De modo geral, as morais que ensinam o autodomínio, como a cristã, causam doenças ao homem, pois isso o irrita em suas emoções e inclinações mais naturais. O homem, abstraindo-se de sua natureza, não pode fiar-se em nenhum instinto e abandona o impulso livre, mantendo-se na defensiva, atento e desconfiado com as verdades que lhe são apresentadas, de forma que não mais se vive tranquilamente e feliz. Está receoso do abandono de Deus, com medo do aprisionamento de sua alma. Nietzsche distingue, desta maneira, suas principais críticas ao cristianismo, que para o filósofo, é o mantenedor das ilusões da humanidade. Se esta manutenção nunca for destruída, não será possível a plenitude humana.

CONCLUSÃO

Embora o presente texto não tenha abordado diretamente os aspectos históricos ou historiográficos na qual a crítica nietzschiana se fundamenta, uma vez que se tenha configurado somente a perspectiva nietzschiana, com um exame do contexto social religioso da religião cristã no século XIX, afirmar-se-á a situação propícia para o desenvolvimento de uma crítica ao cristianismo. Nessa perspectiva a filosofia considerou possibilidades de o homem liberta-se das formas de viver dependentes das religiões ou das cosmovisões, por elas mesmas teocêntricas, e do mesmo modo, de outro prisma, houve aqueles que se postaram defensores da religião e empreenderam tentativas de se confirmar a existência de Deus. Quanto à religião cristã, na sua singularidade, e no século em questão, encontrava-se numa perca gradativa e com baixa influência na sociedade. A burguesia, classe em processo de desenvolvimento e fortalecimento, privilegiou seus próprios ideais, e não se interessou com as formas institucionais eclesiais, em especial apreço, a Católica, que ditava aos seus fieis o modelo de mundo, movidos pela crença em Deus. Desta forma, os movimentos



burgueses procuraram sufocar a religião, em nome da liberdade de consciência, e notadamente, em resguardo de interesses econômicos e políticos. O cristianismo, como reação, elaborou providências legitimando a importância do seguimento cristão, na busca de acordos políticos, e como resolução expandir-se para fora da Europa. Este é o aspecto pelo qual se afirma que Nietzsche estava em um momento favorável para o desenvolvimento de uma crítica contra o cristianismo. Nietzsche não foi o único, majoritariamente, isto é, as filosofias defendiam a libertação do pensamento das religiões. Estados mais importantes preocuparam-se com questões mais eminentes que as definições do pensamento religioso cristão não se condizia com a realidade. Ou seja, na ótica nietzschiana, compreender-se-ia que com um olhar sobre a realidade poder-se-ia enxergar a fraqueza do cristianismo, de forma que Nietzsche e o via como sinônimo de decadência. As críticas do filósofo se baseiam no afastamento do homem em relação à natureza, ou seja, em relação à realidade, à vida propriamente dita, e não como se imagina que deveria ela o ser em um outro momento sobrenatural da existência, ou no além. Por isso, para Nietzsche se tornou necessário um distanciamento, ou melhor, abominação, bem como manifesta recusa às escolas tradicionais do pensamento ocidental. O ser humano não deveria compactuar sua existência e natureza vivendo segundo regras falsas, na concepção de Nietzsche. A Tradição filosófica iniciada por Sócrates e aperfeiçoada por Platão e demais pensadores seguintes deram margem para a proliferação do cristianismo, e o conseqüente desenvolvimento no Ocidente. Ideias de um reino celeste, gestado por Deus, para os fiéis seguidores para viver-se eternamente é produto da fraqueza humana e do idealismo socrático. Oriundo do judaísmo, o cristianismo é algo mais podre, para Nietzsche, e que o seu progenitor, que segundo o filósofo, já mascarava ante a face da realidade. Contrafaticamente, para Nietzsche, a religião cristã, com sua piedade e compaixão, legitima a existência e a supremacia dos fracos. A humanidade está corrompida por causa dos governos débeis, isto é, quem controla a humanidade tem seus valores ligados a axiomas falsos, o que separa o homem dos verdadeiros valores, os instintos de força, de poder. Portanto, para Nietzsche, a humanidade está doente e um dos principais fatores é o cristianismo, e os fatores que deram possibilidade para o seu nascimento e conservação. O filósofo defende que é preciso que o ser humano se ligue novamente aos instintos fortes, como na antiguidade pré-socrática e faça valer o direito daqueles que por ele são considerados fortes, a fim de governarem a humanidade. Assim, o homem sairá das ilusões da ideologia e viverá bem, e desta forma, caminhará segundo o que realmente subsidia o real, a matéria e sua vontade de poder, o instinto forte.

BIBLIOGRAFIA

CAMARGO, Arantes Gustavo. *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche* – 2º semestre de 2008 – Vol.1 – nº2 (p. 93-112).

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. 2. ed. (Trad.) de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

FEUERBACH, Ludwig. *Preleções Sobre a Essência da Religião*. Trad. de José da Silva Brandão. Campinas: Papirus, 1989.

HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001.

MARQUES, Ramiro. *A Ética de Friedrich Nietzsche*. Disponível em: http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/NIETZSCHE%20E%20AEDUCA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. (Trad.) Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. 3. ed. São Paulo: Editora Ediouro, 2001.

NIETZSCHE, Nietzsche. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

TUGENDHAT, Ernst. Nietzsche e o Problema da Transcendência Imanente. In: *Ethic@, Florianópolis*, v.1, n.1, p. 47-62, Jun, 2002.

ZILES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1991. (Coleção Filosofia).

NOTAS

¹ Artigo resultante de estudos na área de Direitos Humanos, Estudos Sociais e Filosofia da Linguagem realizados no projeto de pesquisa na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) denominado no Contexto dos Direitos humanos em Campo Grande e a Intersubjetividade em Termos da Ética e da Alteridade: um estudo jurídico-filosófico e educacional (Dhica), em regime de colaboração entre o Mestrado em Desenvolvimento Local e, o Grupo de Estudos e Pesquisas Filosóficas (GEFIL), ambos da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em Campo Grande-MS.

* Acadêmico do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) na área de Ciências Humanas ligada à Pró-Reitoria de Ensino e Desenvolvimento. Aluno do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/UCDB), desde 2009. E-mail: pleinementperdu@yahoo.fr.

** Graduado em filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

*** Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Direito. Coordenador do Curso de Licenciatura em Filosofia da UCDB (2001-2011) na área de Ciências Humanas ligada à Pró-Reitoria de Ensino e Desenvolvimento. Membro da Comissão Própria de Avaliação (CPA) da UCDB. Orientador da Pesquisa.

²MARQUES, Ramiro. *A Ética de Friedrich Nietzsche*. Disponível em: http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/NIETZSCHE%20E%20AEDUCA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2012.

³ JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001, p. 138.

⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 45.

⁵Ibid., p. 45.

⁶ TUGENDHAT, Ernst. *Nietzsche e o Problema da Transcendência Imanente*. In *Ethic@, Florianópolis*, v.1, n.1 p. 47-62, Jun. 2002, p. 60.

⁷ Entende-se que “em sentido geral e sociocultural, a religião é um conjunto cultural suscetível de articular todo um sistema de crenças em Deus ou num sobrenatural”. Isso se configura em “código de gestos, de práticas e de celebrações rituais”. Admite-se “uma dissociação entre a “ordem natural” e a



"ordem sacral" ou sobrenatural". Com a religião o indivíduo crê possuir "a verdade sobre as questões fundamentais do homem, mas apoiando-se sempre numa fé ou crença. Sendo assim, ela se distingue da filosofia, pois esta pretende fundar suas "verdades" ou tudo o que diz nas demonstrações racionais. Aquilo que a religião aceita como verdade de fé, a filosofia pretende demonstrar racionalmente. Ex.: as provas da existência de Deus dadas pela escolástica, por Descartes, por Kant etc". Contemporaneamente, "há toda uma corrente filosófica que, em nome das luzes da razão, considera isso um fenômeno que deve ser analisado pelas ciências sociais (análise das ideologias) ou pela psicanálise (análise das ilusões)". JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001, p. 166.

⁸ Investigado por Imanuel Kant, ele mesmo distinguiu dela concepções que foram contestadas. as reações mais importantes ao idealismo de Kant, Fichte, Schelling e Hegel são as de Rosmini e Gioberti, de Kierkegaard, de Feuerbach, de Marx e Engels, de Schopenhauer e de Nietzsche. Corresponde ao idealismo uma perspectiva filosófica que considera que o idealismo sucede toda uma cadeia de reações, surgidas em defesa de atividades e valores que haviam sido ignorados ou sufocados pelo próprio idealismo, ou que na perspectiva idealista não haviam encontrado a merecida atenção. MONDIN, Battista. *Curso de Filosofia: os filósofos do Ocidente*. São Paulo: Paulus, 1983 (v. 3), p. 08.

⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. 3. ed. São Paulo: Editora Ediouro, 2001, p. 142-151.

¹⁰ Ibid., p. 142-8.

¹¹ "Desejo aprender cada vez mais a ver o belo na necessidade das coisas: é assim que serei sempre daqueles que tornam as coisas belas. *Amor fati*: seja assim, de agora em diante, o meu amor" NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. 3ª ed. São Paulo: Editora Ediouro, 2001, p. 142.

¹² A intenção de ter somente o presente como realidade se expressa em muitos aforismos do filósofo, como por exemplo: 287 – *Feliz em ser cego*– ‘Os meus pensamentos’, diz o viajante à sua sombra, devem fazer-me saber onde estou, e não revelar-me aonde vou. “Aprecio a ignorância com relação ao futuro; não quero morrer de impaciência e de gozo antecipado à espera das coisas prometidas” [...] (324) “Não, a vida não me desapontou! Pois, a cada ano já passado, eu a considero mais verdadeira, mais desejável, mais misteriosa desde o dia em que veio para mim a grande libertadora, a idéia de que a vida podia ser experiência para aqueles que procuram saber, e não dever, fatalidade, trapaça”! [...] “A vida como um meio de conhecimento; quando se tem este princípio no coração, pode-se viver não somente corajoso, mas feliz”. NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. 3ª ed. São Paulo: Editora Ediouro, 2001, p. 148.

¹³ NIETZSCHE, Nietzsche. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 1992, p. 60.

¹⁴ Na relação com os objetos sensíveis a consciência do objeto pode ser distinguida da consciência de si, mas no caso do objeto religioso a consciência coincide imediatamente com a consciência de si. FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. 2. ed. Trad. Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, p. 22.

¹⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Op. Cit.* 2001, p. 108.

¹⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Op. Cit.* 2001, p. 58.

¹⁷ Monismo (do grego, *monos*: único) Concepção segundo a qual a realidade é regida por um princípio fundamental único, existindo apenas uma única substância, uma única natureza, em última análise, para todas as coisas, seja material (no materialismo), seja o espírito (no idealismo extremo) JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001, p. 133.

¹⁸ A religião, pelo menos a cristã, é o relacionamento do homem consigo mesmo, ou, mais corretamente: com a sua essência; mas o relacionamento com a sua essência como outra essência. A essência divina não é nada mais do que a essência humana, ou melhor, a essência do homem abstraída das limitações do homem individual. FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. 2. ed. (Trad.) Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, p. 24.



¹⁹ É importante notar que, para Hessen (1889-1971), “a verdade não é um mero valor teórico, mas uma expressão para a utilidade, para a função do juízo que é servidor da vontade de poder”. HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. Martins Fontes. 2. ed. São Paulo, 2003, p. 41.

²⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Op. Cit.* 2001, p. 107.

²¹ Nietzsche crê que os instintos atuam de forma decisiva no ser humano, e não a lógica. É por meio dos instintos que o homem desenvolve seus gostos, e, por sua vez, os gostos dão base para a vida ser levada de uma forma peculiar a cada um. Instintos fracos, gostos fracos; instintos fortes, gostos fortes NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. 3. ed. São Paulo: Editora Ediouro, 2001, p. 34.

²² NIETZSCHE, Friedrich. *Op. Cit.* 2001, p. 60.

²³ Nietzsche enfatiza que são os instintos fortes, ansiosos pelo poder, que devem guiar o homem, não a consciência, já que esta está, ainda, em processo de desenvolvimento, uma vez que ela não é capaz de definir o que, exatamente, é a realidade. Assim, qualquer homem que tome como pressuposto que a consciência está pronta incorre em erro. Por sua vez, a disseminação do pensamento ocidental e o cristianismo afiguraram determinantes concepções fantasiosas de instintos fracos. Logo, inverteram os valores na propagação da doutrina do conhecimento revelado. Daí passou-se a escravizar o humano, incutindo a crença na busca da verdade, e, ou a sua construção, vigorada na consciência, e na imaginação do absurdo, marcado pela sistematização de convicções. NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. 3. ed. São Paulo: Editora Ediouro, 2001, p. 112.

²⁴ Para Nietzsche, isso é resultado de quatro erros. A educação do homem foi realizada através de seus erros: em primeiro lugar, ele se viu de maneira incompleta; em segundo, atribuiu-se qualidades imagináveis; em terceiro, sentiu-se em relações falsas de hierarquia diante da natureza e do reino animal; em quarto, nunca deixou de inventar novas tábuas de bens e tomou cada uma delas, durante um certo tempo, como eternas e absolutas NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. 3. ed. São Paulo: Editora Ediouro, 2001, p. 111.

²⁵ “Um Jesus Cristo era possível somente em uma paisagem judaica; quero dizer com isto, em uma paisagem constantemente ameaçada pela sublime e sombria nuvem de cólera de Jeová”. [...] “em todos os outros lugares, o bom tempo e a luz do sol eram a evidente regra cotidiana”. NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. 3. ed. São Paulo: Editora Ediouro, 2001, p. 121.

²⁶ Sócrates legitimou o idealismo, e o judaísmo é uma crença religiosa que necessita de um idealismo, de uma negação da vida terrena. O cristianismo, por sua vez, além de ser idealista, negar a vida terrena, ainda alimenta a fraqueza, como o sacrifício, a abstinência, a piedade, a não-reação e a compaixão NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. 3. ed. São Paulo: Editora Ediouro, 2001, p. 119.

²⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Op. Cit.* 2007, p. 57.

²⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Op. Cit.* 2007, p. 57.

²⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Op. Cit.* 2007, p. 87.

³⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Op. Cit.* 2001, p. 21.

³¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Op. Cit.* 2007, p. 58.

³² [...] o cristão, segundo nietzsche não reflete a sua condição humana, espacialidade e temporal e outras recorrências que resultaram num ato. Por isso, o pecado, essa forma de poluição da humanidade, foi inventado para tornar impossível ao homem a ciência, a cultura, toda a elevação e todo o enobrecimento; o sacerdote reina graças à invenção do pecado NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 87.

³³ NIETZSCHE, Friedrich. *Op. Cit.* 2001, p. 120.

³⁴ *Idem*, p. 120.

³⁵ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções Sobre a Essência da Religião*. Trad. José da Silva Brandão. Campinas: Papirus, 1989, p. 30.



³⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Op. Cit.* 2001 p. 120.

³⁷ *Ibid.*, p. 120.

³⁸ Entende-se que anticristo de Nietzsche defende a natureza humana como expressão de um agir livre e consciente. Nietzsche acredita que o humano ao despertar do “sonho metafísico” desprezará uma religião que prega a incompreensão do corpo! Que se recusa a crer na superstição da alma, no inimigo, de demônio, ou na tentação, da invenção de um conceito de ‘perfeição’, um estado existencial fanático chamada ‘de santidade’ NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 90.

³⁹ No caso da religião cristã, “todas as idéias da igreja agora estão reconhecidas pelo que são: as piores falsificações existentes, inventadas para depreciar a natureza e todos os valores naturais; o padre é visto como realmente é, como a mais perigosa forma de parasita, como a peçonhenta aranha da criação” NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p. 73.

⁴⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Op. Cit.* 2001 p. 120

⁴¹ “Os antigos ateus e mesmo muitos deístas tanto antigos quanto recentes declararam ser o medo, que nada mais é do que o aspecto mais popular e mais evidente do sentimento de dependência, a mola-mestra da religião.” FEUERBACH, Ludwig. *Preleções Sobre a Essência da Religião*. Trad. de José da Silva Brandão. Campinas: Papirus, 1989, p. 30.

⁴² NIETZSCHE, Friedrich. *Op. Cit.* 2001, p. 120.

⁴³ Ao projetar a si mesmo, o homem aliena-se de si mesmo, gerando a divisão consigo mesmo. Então a alienação religiosa, segundo Feuerbach, é tomar como Deus algo que na verdade é apenas expressão do próprio homem, ilusão, ídolo. ZILES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 108. (Coleção Filosofia)

⁴⁴ Não sou capaz de determinar qual foi o alvo da insurreição da qual Jesus foi considerado, seja isso verdade ou não, o promotor, caso não seja a igreja judaica, a palavra ‘igreja’ sendo usada aqui exatamente no mesmo sentido que possui hoje. Era uma insurreição contra ‘os bons e os justos’, contra os ‘Santos de Israel’, contra toda a hierarquia da sociedade, não contra a corrupção, mas contra as castas, o privilégio, a ordem, o formalismo. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 62.

⁴⁵ Era uma insurreição contra ‘os bons e os justos’, contra os ‘Santos de Israel’, contra toda a hierarquia da sociedade, não contra a corrupção, mas contra as castas, o privilégio, a ordem, o formalismo. Era uma descrença no ‘homem superior’, um ‘Não, arremessado contra tudo que sacerdotes e teólogos defendiam. Mas a hierarquia que foi posta em causa por es possibilidade de sobrevivência; era o último resíduo de sua existência política independente; um ataque contra isso era um ataque contra o mais profundo instinto nacional, contra a mais tenaz vontade de viver de um povo que jamais existiu sobre a Terra. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 62.

⁴⁶ Prova consiste na inscrição colocada sobre ela. Morreu pelos seus pecados, não há qualquer razão para se acreditar, não importa quanto isso seja afirmado, que tenha morrido pelo pecado dos outros. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 62.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 52.

⁴⁸ *Ibid.*, p 52.

⁴⁹ *Ibid.*, p.52.

⁵⁰ É por isso então que Nietzsche despreza o cristianismo, a compaixão e piedade é peculiar aos malogrados e aos mortícios que corrompem a ordem sadia da existência, estes que não se dizem fracos, mas bons, os bonzinhos, já que não alcançam a forma de vida dos fortes. Estes anêmicos se acham no direito de serem privilegiados, querem ser adulados. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao*



cristianismo: Ditirambos de Dionísio. (Trad.) Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 37.

⁵¹ Esta fragilidade é oriunda de suas raízes cristãs, isto é, o culto ao fraco, com a “tolerância e grandeza de coração que tudo ‘perdoa’ porque tudo ‘compreende’” NIETZSCHE, Friedrich. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio.* Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 37.

⁵² MARQUES, Ramiro. *A Ética de Friedrich Nietzsche.* Disponível em: http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/NIETZSCHE%20E%20AEDUCA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2012.

⁵³ A crítica de Nietzsche estende-se aos seus contemporâneos. A argumentação nietzschiana sobre a assimilação do cristianismo pelo europeu moderno afigura, no mesmo patamar, o desenvolvimento tecnológico. Nesse sentido, por mais que a Europa esteja no auge, graças aos sistemas filosóficos e científicos, expressa-se a contência do indivíduo europeu com a aderência total à ciência e ao progresso. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio.* Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 40.

⁵⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência.* 3. ed. São Paulo: Editora Ediouro, 2001, p. 57.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 114.

⁵⁶ com este sinal a decadência venceu. Neste sentido o cristianismo foi uma vitória: uma mentalidade mais nobre pereceu por ele, o cristianismo continua sendo a maior desgraça da humanidade. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio.* Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 91.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 96.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 92.

⁵⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio.* Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 91.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 45.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 49.

⁶¹ Segundo Nietzsche, Deus é uma criação, com essa criação legitima-se o que o povo espera e tem como sendo necessário o necessário para se viver, uma projeção das aspirações notadamente humanas e somente humanas. É deste modo que um povo degenerado adultera sua própria existência, especificamente, possuindo um Deus degenerado. Para o autor, o Deus cristão foi uma transformação do judaico, uma mutação de uma divindade humanidade. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio.* Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 49.

⁶² *Ibid.*, p. 49.

⁶³ “Niilismo (do latim *Nihil*: nada) 1. Doutrina filosófica que nega a existência do absoluto, quer como verdade, quer como valor ético. 2. Termo empregado por Nietzsche para designar o que considera ser o resultado da decadência européia, a ruína dos valores tradicionais consagrados na civilização ocidental do século XIX. Caracteriza-se pela descrença em um futuro ou destino glorioso da civilização, portanto opõe-se à idéia de progresso; e pela afirmação da ‘morte de Deus’, negando a crença em um absoluto, fundamento metafísico de todos os valores éticos, estéticos e sociais da tradição. O niilismo nietzschiano deve, no entanto, levar a novos valores, que sejam, ‘afirmação da vida’, da vontade humana, superando os princípios metafísicos tradicionais e a ‘moral do rebanho’ do Cristianismo e situando-se ‘para além do

bem e do mal’ ” JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia.* 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001, p. 180.

⁶⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio.* Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 70.



⁶⁵ Ibid., p. 57.

⁶⁶ Se Cristo existiu ou não, não é algo sumamente importante no Anticristo, o que interessa a Nietzsche é deixar claro que o ensinamento cristão defende que “o ‘portador da boa-nova’ morreu assim como viveu e ensinou, não para ‘salvar a humanidade’, mas para demonstrar-lhe como viver. Seu legado ao homem foi um estilo de vida: sua atitude ante os juízes, ante os oficiais, ante seus acusadores, sua atitude perante a cruz. Não resiste; não defende seus direitos; não faz qualquer esforço para evitar a maior das penalidades, ainda mais, convida... roga, sofre e ama com aqueles, por aqueles que o maltratam”. Não se defender, não se encolerizar, não culpar é um aspecto da cristandade fora da natureza humana, algo que o humano pode apenas almejar em vida, mas não pode vivenciar isso integralmente. Isso faz do seguidor da religião cristã um constante pecador. NIETZSCHE, Friedrich. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. (Trad.) Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 70.

⁶⁷ TUGENDHAT, Ernst. *Nietzsche e o Problema da Transcendência Imanente*. In Ethic@, Florianópolis v.1, n.1, p. 47-62, Jun, 2002, p. 54.

⁶⁸ Ibid., p. 60.

⁶⁹ Nietzsche tinha “insistido no aspecto possessivo de todo amor e este aspecto é inegável e está igualmente em tudo o que queremos fazer bem. Por outro lado, amar uma pessoa, por exemplo, implica estar impressionado pela profundidade de seu ser” [...], considera-se que, na “realidade, e é isso o que abre a possibilidade (ainda que seja só uma possibilidade) de preferir a felicidade desta pessoa a possuí-la”, mas no cristianismo insiste-se na adesão, para ter direito a união com os santos, no reino celeste com Deus. Cf. TUGENDHAT, Ernst. *Nietzsche e o Problema da Transcendência Imanente*. In: *Ethic@, Florianópolis* v.1, n.1, p. 47-62, Jun, 2002, p. 60.

⁷⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. (Trad.) Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 48.

⁷¹ Cf. Ibid. p. 71-2.

⁷² Ibid. p. 71.

⁷³ Ibid., p. 71.

⁷⁴ Ibid., 2007, p. 52.

⁷⁵ Ibid., p. 122.

⁷⁶ Ibid., p. 76.

⁷⁷ Ibid., p. 76.

⁷⁸ Ibid., 2007, p. 77.

⁷⁹ Ibid., p. 77.

⁸⁰ Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; e Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que nada são, para aniquilar as que são; para que nenhuma carne se glorie perante ele’ (I Paulo aos Coríntios, 1:20 e adiante). Ibid., p. 83.

⁸¹ Ibid., p. 79.

⁸² Ibid., p. 74.

⁸³ CAMARGO, Arantes Gustavo. *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche*. 2º semestre de 2008, Vol.1, n. 2, p. 93-112.

⁸⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Op Cit*, 2007, p. 111.

Artigo submetido em 25/05/2012

Artigo aprovado em 25/06/2012